



A publicação da obra literária de José de Almada Negreiros – algumas anotações¹

The publication of of the literary works of Almada Negreiros – some notes

CELINA SILVA

Universidade do Porto – Porto – Portugal



Resumo: O presente artigo aborda o estado atual da publicação da obra literária de José de Almada Negreiros nas diversas edições; Estampa, Imprensa-Nacional Casa da Moeda, Nova Aguilar, Assírio & Alvim. Do exposto ressalta o imperativo de uma edição crítica da mesma.

Palavras-chave: Publicação; Revisão crítica; Obra literária de Almada Negreiros

Abstract: The present article studies the current state concerning the publication of the literary works of Almada Negreiros in several editions; Estampa, Imprensa-Nacional Casa da Moeda, Nova Aguilar, Assírio & Alvim. The need for a critical edition of the former becomes therefore essential.

Keywords: Editing/publishing; Critical edition; Literary works of Almada Negreiros

Performance da palavra, a produção literária de Almada, instaura uma sistematicidade processual,² verificável aos níveis da prática de escrita, permanente exercício no interior do verbal buscando-lhe os limites, mas também em termos de circulação social da mesma. Em momentos anteriores³ foram apontadas as dificuldades em delimitar quantitativamente a referida produção: multiplicidade de versões, éditas e inéditas de um mesmo texto que, por vezes, origina performances, happenings, conferências, existência

de edições de autor, inúmeras publicações em jornais e revistas em vida de Almada, e sobretudo as duas edições (póstumas) das *Obras Completas*⁴ que apenas o são por antífrase. Apesar do hiato temporal entre elas existente, e, embora a última comporte um *corpus* textual mais vasto que a primeira,⁵ ambas constam de menos volumes do que o previsto, evidenciando grandes imprecisões, truncagens, ausência de rigor na fixação dos textos, de aparato crítico justificativo dos critérios adotados, conforme estudiosos

¹ A publicação da obra literária de José de Almada Negreiros exige um estudo exaustivo que transcende o âmbito deste artigo. Impõe-se ainda um agradecimento à Dras Teresa Salgado, Arlette Darbort, Isabel Jabort e Isabel de Barros da Biblioteca do C. C. Calouste Gulbenkian em Paris pelo apoio prestado.

² *A Busca de uma Poética da Ingenuidade – (Re)invenção da utopia. Reflexão sistematizante acerca da produção literária de Almada Negreiros*, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 1994, equaciona as questões fundamentais suscitadas pela textualidade de Almada tal como ela se apresentava no momento: inventariação, datação, seriação e classificação, o cunho plural da grande parte das manifestações textuais- situações de reescrita pura e simples, produção de variantes e versões diferentes de um mesmo texto, práticas de transestilização e de transgenericidade, operações de fragmentação, de excisão, de adição, de reagrupamento. A maioria das afirmações aí produzidas permanece válida, apesar de não ter havido acesso ao espólio, exceto no tocante a manuscritos de *Portugal*, fornecidos pelos herdeiros e de “Parva”, facultado pelo C.A.M. da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo sido o último estudado em *Da ‘Histoire du Portugal par Cœur’ – Ao*

encontro da ingenuidade, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1986.”

³ Cf. *A Busca de uma Poética da Ingenuidade...*, cit., A Intermitente Emergência da Obra. In: *O Escritor*, n. 10-11, Lisboa, 1998; escrito em 1993, aquando das comemorações do centenário do nascimento de Almada e relativo ao estádio da circulação da obra até essa data, foi publicado apenas em 1998, tendo a mesma optado por não o atualizar, “Fragmentos Mínimos”, in *Almada Negreiros – A Descoberta como Necessidade*, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 1998.

⁴ Cf. Estampa, 1970-72-seis volumes; oito anunciados; dez previstos: *Contos e Novelas, Nome de Guerra, Teatro, Poesia, Ensaios e Textos de Intervenção*; INCM, 1985-93, sete volumes: *Poesia, Nome de Guerra, Artigos no Diário de Lisboa, Contos e Novelas, Ensaios, Textos de Intervenção e Teatro*. Quanto a esta última edição, não foi possível apurar com exatidão o número de volumes programado.

⁵ Nomeadamente em *Poesia, Teatro* e, sobretudo, a inclusão do conjunto de crónicas publicadas nos anos 20 no *Diário de Lisboa*, estudadas por E. Sapega em *Ficções Modernistas: A contribuição de José de Almada Negreiros para a renovação do Modernismo português*, Lisboa ICALP, 1992.

referiram.⁶ Entre a primeira e a segunda das aludidas edições, em 1982, surge um volume de inéditos – *Ver* –, organizado e prefaciado por J. Lima de Freitas, não figurando na publicação a cargo da INCM, que lhe é, no entanto, posterior.

Por sua vez, a edição, em 1997, de *Almada Negreiros – Obra Completa*, pela Nova Aguilar, cuja “Nota Editorial”, faz clara referência às insuficiências das anteriores⁷, se bem que mais cuidada e explícita relativamente aos critérios usados na realização da mesma, está longe de corresponder ao que o referido elemento paratextual deixa antever, ao realçar a inclusão de várias e relevantes obras não contempladas nas compilações precedentes⁸. Esta, à semelhança das anteriores, não faz referência às inúmeras entrevistas concedidas por Almada nem à sua vasta correspondência, elementos capitais para a divulgação rigorosa da mesma, facto apontado a devido tempo.

A citada nota menciona uma marca desta produção, pela generalidade da crítica referenciada: a quase impossibilidade de estabelecer uma taxonomia rigorosa a ela relativa⁹. Os escritos literários de Almada rompem, de modo mais ou menos violento, as fronteiras dos géneros tradicionais desconstruindo-os pela instauração de manifestações textuais plurais, frequentemente aliadas a componentes gráficas, de performance, de reflexão/especulação, em postura geradora de uma autêntica “subversão histriónica dos géneros”, no dizer de Maria de Lourdes Ferraz. Qualquer taxonomia desta obra é sempre relativa e relativizável, pois trabalha com e sobre “textos”, categoria literária dinâmica, definível pela transtextualidade, muitas vezes manifestada enquanto transgenericidade¹⁰. Permanente (re)descoberta, (re)invenção, onde a linguagem e suas modalidades funcionais se convertem em objeto de pesquisa, lúdica ou reflexiva, mediante a qual a plasticidade da matéria verbal se potencializa ao máximo, corporizando tanto formas de escrita exuberantes quanto construções de uma sobriedade quase geométrica, dialogando incessantemente.

Esta publicação, a primeira a apresentar uma planificação geral, expor os critérios empregues, e justificar a opção de uma ordenação cronológica para os textos que considera não literários, contem também gralhas, imprecisões, permanecendo incompleta no tocante quer a inéditos quer a éditos, apesar dos propósitos assumidos por A. Bueno e da componente documental nela vigente, não exaustiva embora bem elaborada (“Cronologia da Vida e da Obra”, “Reportagem Iconográfica”, no início do livro, e em “Apêndice”: “Fontes Originais dos Textos de Almada Negreiros” e “Bibliografia”).

Na introdução da autoria de J.A. França, “Almada Negreiros, Letras e Artes”, figura de referência na crítica à obra em questão, aponta-se com pertinaz propriedade (em sintonia com o referenciado no artigo citado na nota

terceira deste trabalho), a “circulação” de documentos e manuscritos inéditos: “Muitos foram recolhidos em edições de *Obras Completas*, geralmente sem data, e inéditos, e outros há que se conhecem e correm como “*Chez Moi*” de 1915, poesia intimista do ano d’ ‘A Canção do Ódio’”¹¹. Tem-se assistido entre os anos 70 e o fim de século a uma emergência intermitente¹², pontual de textos nunca editados, de versões inéditas de textos publicados existentes em diversas coleções particulares, em instituições¹³ públicas e privadas, seguida pela sua posterior publicação parcelar e descontínua. Comprova-se assim a grande dificuldade em organizar “obras completas”, que de facto o sejam, decorrente, em grande parte, da incapacidade em abarcar o corpus da produção na sua totalidade, dada a sua dispersão, mas, sobretudo, a sua natureza proteiforme, não obstante una. Variedade e variabilidade impulsionam uma escrita em processo onde a unidade deriva da relação por elas instaurada.

Tais edições, sucessivamente mais alargadas, continuam, contudo imperfeitas, nos dois sentidos do termo; é referido pelos estudiosos, que a publicação desta obra está longe de satisfazer as exigências do público em geral, a quem por vontade expressa do autor se destina, muito menos a leituras especializadas cujo teor produz necessariamente uma divulgação criteriosa da mesma. Impõe-se a realização de uma edição fidedigna desta produção complexa a muitos níveis e cuja divulgação se torna imperativa dada a sua inegável qualidade e cariz excecional no contexto português. Maria de Lourdes Ferraz no prefácio a *A Busca de Uma Poética da Ingenuidade – (Re)invenção da utopia*, datado de 1994,

⁶ Cf. J. Barrento, Nova edição de poesia de Almada Negreiros. In: *Colóquio / Letras*, n. 117/118, setembro de 1990; A. Bueno, *Almada Negreiros – Obra Completa*, Rio de Janeiro, 1997; M. A. Galhoz, À margem das *Obras Completas* de José de Almada Negreiros. In: *Colóquio / Letras*, n. 3, setembro de 1971; C. P. Martínez Pereira, *A Pintura das Palavras, Uma Novela em Chave Plástica*, Santiago de Compostela, 1996; E. Sapega, *Ficções Modernistas...*, cit. C. Silva, *A Busca de uma Poética da Ingenuidade ...*, Id., *Da ‘Histoire du Portugal par Cœur’...*, cit; Id., *A Intermitente...*, cit.

⁷ Cf. op. cit., pp. 11-13.

⁸ Cf. dois textos na secção “Poesia”: “Aconteceu-me” e “*Chez Moi*”, sendo o último inédito até então, e *Ver, Mito-Alegoria-Símbolo, A Chave Diz: Faltam Duas Tábuas e Meia de Pintura no todo da Obra de Nuno Gonçalves*, e *Orpheu* em “Manifestos, Ensaios, Crónicas e Prosa Doutrinária”.

⁹ Cf. D. Mourão Ferreira, A. Margarido, J.A. França, C. Silva, A. Bueno e F. Cabral Martins.

¹⁰ *A Busca de uma Poética da Ingenuidade...*, cit, recorreu-se a uma “ordenação” segundo parâmetros tradicionais bastante modalizada, realçando-se o papel fulcral do gnómico disseminado em grande parte dos textos (líricos, narrativos, dramáticos, ensaísticos, polémicos, especulativos).

¹¹ Cf. op. cit., p. 32.

¹² Cf. os manuscritos exibidos em 1993 nas exposições “Almada: O Escritor, O Ilustrador”, da Biblioteca N. Lisboa, na integrada no referido colóquio “Almada Negreiros...”, o poema “*Chez Moi*” supracitado o corpus de inéditos dado à estampa em primeira mão no número de homenagem a Almada da revista *Colóquio / Letras*, n. 149-150, em 1998.

¹³ Bibliotecas N. Lisboa e M. do Porto, C.A.M., Fundação Calouste Gulbenkian.

afirma a urgência em se proceder à organização de uma edição crítica da mesma, constatação cuja pertinência o decurso do tempo tem demonstrado de modo cabal.¹⁴

Em 2000 inicia-se uma nova publicação, *Obra Literária de José de Almada Negreiros*, pela editora Assírio&Alvim, contando com o apoio de uma equipa de investigadores, posteriormente alargada¹⁵, dirigida por um especialista do modernismo português de reconhecido mérito. Conjugam-se esforços, facultase o acesso aos espólios pertencentes aos herdeiros, F.C.Gulbenkian, CAM, Bibliotecas N. Lisboa e M. Porto, colecionadores ou amigos do autor, tendo-se reunido vastíssimo material.

O título adotado pelo citado projeto editorial em curso de publicação¹⁶, sugere a totalidade, não a declarando todavia, ambiguidade reveladora de lucidez e prudência no tocante ao objeto a tratar, dada a variedade das fontes existentes, algumas muito difíceis de rastrear com exatidão, o tipo de material a compulsar pela diversidade e complexidade a ele inerentes. Por outro lado, a fórmula de assinatura de Almada escritor é recuperada, visto as edições da INCM e da Nova Aguilar lhe terem amputado o nome próprio, nelas figurando a designação adotada pelo artista plástico a partir dos anos 20.

Um projeto desta envergadura e condicionantes, requer uma prévia apresentação genérica do plano geral de edição focando os seus propósitos nucleares, critérios adotados, tipo de leitor a que se destina, número de volumes previstos, etc. Porém tal não se verifica, desfavorecendo o enquadramento rigoroso exigido por uma divulgação alargada da obra junto de um público maioritariamente desconhecedor da sua real dimensão, para não se falar do erudito. A ausência deste tipo de componente paratextual de “abertura” do projeto editorial e das circunstâncias nele atuantes, levanta questões e dúvidas, prejudicando a circulação social da obra que permanece uma incógnita, nem sempre estimulante, num primeiro olhar ou a olhares menos informados.

Foram publicados dois textos em fac-símile, *K4, O Quadrado Azul* (2000) e *A Invenção do Dia Claro* (2005), e *Poemas* (2001¹⁷ e 2005), *Ficções* (2002), *Nome de Guerra* (2001 e 2004), *Manifestos e Conferências* (2006), estando previstos, segundo consta das páginas finais dos volumes sob a designação “Obras de José de Almada Negreiros na Assírio & Alvim”, *Teatro, Ensaios, Artigos, Entrevistas, Ver, Correspondência* e, em coedição com

o C. C. Belém, *Almada – A Cena do Corpo*¹⁸. O número de volumes anunciado permite antever uma edição mais aturada e fiel face à realidade, diversa e complexa, da obra em questão, porém o último dos títulos, relativo ao catálogo da exposição de 1993, suscita uma interrogação, atendendo ao conjunto onde se insere, visto a mesma editora ter dado à estampa *Marginálias* de Gomez de la Serna, onde figuram desenhos de Almada. Por outro lado, a existência da dupla publicação do mesmo texto, uma fac-similada e outra não, deveria ser explicada, muito embora se revista de pertinência a impressão de fac-símiles de algumas obras de Almada dadas as suas características específicas. Com efeito, existem desde 1993 edições deste cunho de *A Invenção do Dia Claro* e *Manifesto Anti-Dantas e Por Extenso*.

A referida edição começa com o lançamento, em 2000, de um fac-símile de *K4, O Quadrado Azul*, texto de 1917 justificativo dessa opção dado o papel nele desempenhado pela componente gráfica e o seu cariz único no contexto nacional. Cabral Martins, no posfácio a *Ficções*, onde, com pertinência, aquele também figura, afirma: “Em *K4, O Quadrado Azul*, de novo o grande exemplo, o seu sentido depende tanto do formato e composição gráfica como das palavras que utiliza. É o gesto plástico simultâneo às palavras e à ficção”¹⁹, citando-o ainda no epílogo do posfácio “O Texto em Cena”, respeitante a *Manifestos e Conferências*. Todavia, se o mesmo se verifica no caso do primeiro dos textos referidos no final do parágrafo anterior, com publicação efetuada em 2005, não estão anunciadas edições deste tipo para o último nem para a primeira das versões de “Litoral”, poema pelo mesmo crítico considerado “uma das experiências limite da organização plástica de um texto poético pois a sua edição em 1916 em folheto que era preciso desdobrar pedia uma leitura de superfície como a de um quadro, e não linear como a de um livro”²⁰. Tão-pouco, na listagem de volumes a publicar consta o *fac-símile* de *ORPHEU 1915-1965*, ensaio de homenagem-rememoração da revista emblemática do modernismo português, que retoma o “formato” de desdobrável patente na aludida versão do poema “Litoral” o qual, em rigor, deveria ser respeitado em termos editoriais.

Nos restantes volumes constata-se a seguinte organização geral, a cargo do mesmo especialista, responsável também pelos posfácios:

Capa e contracapa – Constituídas por um fundo unitário de cor forte, o qual varia conforme o volume, constando na primeira, grafados a branco, o nome do autor, o título do volume e a editora sobre uma fotografia de Almada na qual se sobrepõem, de modo muito discreto, figuras geométricas de sua autoria, ambas, fotografia e traçado, diferentes em todos os volumes; na última, a reprodução da característica assinatura de Almada com

¹⁴ Op. cit., p. 12.

¹⁵ F. Cabral Martins, L. M. Gaspar, M. P. Santos, S. Afonso.

¹⁶ Foram postos em circulação seis dos treze volumes anunciados.

¹⁷ 1ª edição retirada do mercado devido a imperfeições, 2ª corrigida, mas não totalmente.

¹⁸ O elenco dos volumes acima transcrito segue a ordem patente no mais recente: *Manifestos e Conferências* / 5.

¹⁹ Idem, ibidem, p. 230.

²⁰ Idem, ibidem, p. 288-9.

o “d” prolongado, patente, entre inúmeros desenhos, na capa da separata de *Bicórnio*, onde consta “Presença”²¹, a menção aos responsáveis da edição, acrescidos de um elemento no volume 5, e a designação “Obra Literária de José de Almada Negreiros” seguida do número do volume. Os referidos elementos apresentam um arranjo gráfico cuidado, sóbrio e original.

Página de guarda – Contém a menção “Obra Literária de José de Almada Negreiros”, seguida da indicação do volume, exceto na primeira edição de *Poemas*.

Anterosto – Apresenta as mencionadas fotografias do autor a preto e branco, diferentes volumes a volume.

Página de rosto – Patenteia as referências usuais: nome do autor, título da obra, equipa responsável pela edição e editora, apresentando no verso agradecimentos, diferentes segundo o volume, bem como alguns dados relativos à impressão, nomeadamente a data.

Texto – A matéria textual, inferível dos volumes publicados, dá conta da característica maior desta obra anteriormente focada: a pluralidade e disparidade de concretizações de um mesmo projeto de escrita; um texto “acabado”, meras formulações embrionárias, a simples “conceção”, engendram, por procedimentos transformativos – operações de transestilização, fragmentação, excisão, adição, reagrupamento, práticas de transgenericidade –, outros textos: da prosa ao poema, à expressão dramática ou à reflexão. A vasta existência de variantes, versões, fragmentos, muitos dos quais esta edição traz a público, a par dos previamente conhecidos, evidencia a relatividade das sistematizações taxonómicas, porém imprescindíveis ao trabalho editorial a efetuar, atestando “mais um lugar incerto de Almada, da sua inquietação, do seu desvario geral da instituição dos géneros”²². Os volumes desta edição, “nova arrumação dos textos”²³, resultante em grande medida do reagrupamento dos mesmos à luz dos critérios formais explicitados nos posfácios, instauram entre si um diálogo incessantemente retomado, fazendo ressaltar a unidade que lhes subjaz, pois o “sentido depende de uma textualidade envolvente, de que cada texto é uma exemplificação. Cada modo histórico de escrita de Almada se aproxima de uma definição de género precisa – embora, por vezes, dela se afaste no mesmo instante”²⁴. Verifica-se o justificado desmembramento de alguns volumes das edições anteriores das *O.C.*, porém tal cariz encontra-se ausente em *Nome de Guerra* por razões óbvias, dada a singularidade do texto em questão.

Trata-se na quase totalidade dos volumes, de corpus textuais sempre mais extensos que os das edições anteriores, divididos entre duas “secções”, textos propriamente ditos e “Fragmentos”, nos quais constam éditos e inéditos, estes por vezes em número considerável, assinalados em letra normal por oposição aos previamente

publicados, figurando os últimos em itálico nos títulos dos textos e no índice do livro. A supracitada estrutura está patente em todos os volumes, menos no relativo a *Nome de Guerra*, onde esta última secção não aparece, como outras aliás, sendo todavia o único a conter “dedicatória” e “advertência ao leitor”.

É de realçar que a presente edição apresenta nos diversos volumes, salvo no do romance, onde apenas um aparece na secção “Documentos”, a reprodução dos desenhos do próprio Almada²⁵ que, com frequência, acompanham os textos ora impressos ora não, característica não contemplada pelas anteriores, à exceção do volume *Poesia* da INCM. Contudo, em *Ficções* não constam os desenhos patentes na primeira publicação dos textos aí integrados que, previamente figuravam em *Artigos no Diário de Lisboa* da editora supracitada, onde tão pouco apareciam. Um desses “artigos”, “O Livro”, surge, porém, reproduzido integralmente na secção “Documentos” de *Manifestos e Conferências*, volume no qual a ordenação da obra vigente nesta edição, com toda a propriedade, o coloca.

Poemas, o primeiro dos volumes, patenteia mais duas secções que os outros: “Poemas Variantes” e “Traduções”; se a primeira se justifica pela própria natureza do corpus, o mesmo não acontece com a última. Optando-se por apresentar traduções dos textos de Almada em francês e castelhano, sem justificar a razão de tal procedimento, aparece a tradução da “versão corrida”, na formulação de Cabral Martins, de “Histoire du Portugal par Cœur”, sem aparecer o respetivo original francês, o qual deveria, segundo tal critério, aparecer na sequência “Poemas Variantes”, onde consta a versão transestilística de regime lúdico: “Histoire du Portugal par Cœur et au Hasard écrite par Moi pour Mes 4 Cousines”²⁶. Contudo, o referido especialista cita essa mesma versão no posfácio “O Disparo dos Fotógrafos” inserido no volume *Ficções*²⁷, onde a mesma versão permanece ausente: “Só aliás e, uma vez mais, por imperativo de arrumação dos géneros é que se procedeu à dispersão desses textos por dois volumes diferentes”. Esta sequência parece sugerir que

²¹ Cf. “Documentos” respeitante ao v. 1.

²² F. Cabral Martins, op. cit., v. 1, Lisboa, Assírio & Alvim, p. 292.

²³ F. Cabral Martins, op. cit., v. 2, p. 222.

²⁴ Idem, op. cit., v. 2, p. 225.

²⁵ Cf. V. 1: “Rondel do Alentejo”, a versão da “Histoire du Portugal par Cœur” impressa na *Contemporânea* em 1922, “Encontro”, “De 1 a 65” e nas “Notas”; “Rondel do Alentejo”, “Torre de Marfim não é de Cristal”; V. 2: “PARVA (em latim)”, “O Homem que não sabe escrever”, “O Kágado”, “O que se passou numa Sala Encarnada”; v. 5: “Conferência nº 1”, *A Invenção do Dia Claro*, “O Comício dos ‘Novos’”, *Pierrot e Arlequin Personagens de Teatro, Desenhos Animados Realidade Imaginada*.

²⁶ Cf. J. A. França, *Amadeo e Almada*, Lisboa, 1986; C. Silva, *A Busca de uma Poética da Ingenuidade...* cit.; Id., *Da ‘Histoire du Portugal par Cœur’...*, cit.; Id., *A Intermitente...*, cit.

²⁷ F. Cabral Martins, op. cit., p. 227.

a aludida versão se destinaria a este volume, no entanto, a respetiva tradução surge, como se viu, no volume 1; acrescente-se, a título de referência, que o poema é convocado no posfácio de *Manifestos e Conferências: “O Texto em Cena”* em articulação com a conferência publicada *Direcção Única*²⁸.

Ficções, segundo volume, embora de datação e circulação posteriores ao terceiro, resulta de um reagrupamento de narrativas ou protonarrativas curtas acabadas ou fragmentárias, inéditas ou impressas de proveniência diversa. Com efeito, dele fazem parte ora os textos vigentes em edições anteriores nos volumes *Contos e Novelas* das duas *O.C.* e na secção “Ficções” de *A.N.–O.C.*, ora alguns dos inseridos no volume *Artigos no Diário de Lisboa* da INCM anteriormente focados, bem como na secção “Manifestos, Ensaios, Crónicas e Prosa Doutrinária” da última das publicações mencionadas, acrescidos das narrativas dadas à estampa pela primeira vez em 1998, no número de homenagem a Almada da *Colóquio / Letras* e outros a referir de seguida. Norteados pelo critério da ficcionalidade, no posfácio questionada em ampla equação opositiva face aos géneros crónica, ensaio e autobiografia, o presente volume faz dialogar, através de uma articulação pertinente, textos díspares a muitos níveis, “terminados” ou não, por vezes meros esboços ou formulações incipientes. “Trata-se aqui de uma matéria textual cambiante, estranha, que trabalha com os limites, isto é que os alarga”²⁹; com efeito na textualidade de Almada “a ficção pode tornar-se um outro modo de pensar e argumentar, um combate que se trava sem descanso contra os modelos”³⁰.

De entre os numerosos inéditos, embora conhecidos de alguns estudiosos³¹, destacam-se pela originalidade *Parva (em Latim)*, jornal manuscrito, e *História Verde (Autêntica)*, datados do início dos anos 20, corpus singular revelador de uma outra vertente de escrita de Almada, lúdica, de circulação restrita, destinada a um leitor infantil, onde o desenho tem primordial importância, gerando desse modo “textos que na verdade são objetos plásticos verbais, cadernos iluminados ou invenções gráficas”³².

Nome de Guerra, terceiro volume, constitui aquele que, na presente publicação, funciona como paradigma de exceção relativamente à estruturação geral da mesma visto que texto nele vigente derivar, atendendo à informação inserida na respetiva “Nota Editorial”, da “correção”, mediante confronto com as outras publicações parcelares ou não, ocorridas em vida do autor, e da eliminação dos “erros” da edição da Ática. Porém não se fazendo qualquer referência à existência de variabilidade textual, nem se atestando as respetivas alterações, facto que evidencia uma lacuna grave, pois foi demonstrada a reescrita do texto de 1925 em 1935³³.

Manifestos e Conferências, quinto volume embora publicado antes do quarto, todavia não editado, resulta

como todos os outros, salvo o supracitado romance, de uma combinatória de textos, com os desenhos quando os há, elaborada no presente caso, segundo um critério baseado num propósito prioritário de apresentação ou intervenção pública escrita e oral: manifesto, declaração enviada à imprensa, conferência, palestra, alocação de circunstância, seja ela manifestação de tipo *happening* ou não. Tal opção de reagrupamento do corpus textual reveste-se da maior importância demonstrando o papel fulcral por esta atividade exercida na obra de Almada. A “conferência, um género com grau único na sua singularidade – umas escritas e faladas outras só uma delas”³⁴, instaura uma “fórmula do *one man show* em que não há a criação de uma ilusão de personagem, bem pelo contrário, há concentração e revelação de uma verdade individual qualquer que pode dizer-se de teor experimental”³⁵, constituindo a “artesintese de Almada, um poema corpo, desenhado nas páginas do mundo”³⁶.

Construído a partir dos volumes *Ensaios e Textos de Intervenção* das duas edições de *O.C.*, é notoriamente mais vasto que aqueles e, muito distante contudo, do corpus “amalgama” patente na secção “Manifestos, Ensaios, Crónicas e Prosa Doutrinária” de *A.N.–O.C.* onde constam, segundo a indicação expressa no respetivo paratexto, os textos não ficcionais. Pela razão acima apontada, neste volume figuram as conferências “oriundas” de *Poesia e Teatro* das aludidas compilações, *A Invenção do Dia Claro*, e *Pierrot e Arlequim Personagens de Teatro* que “no subtítulo incluem a palavra ensaios no plural”³⁷, bem como de “Os Ballets Russos em Lisboa”, “Conferência Futurista”, “Compreendido pelo Conferente”, impressas no *Portugal Futurista*. Nos “Fragmentos” de origem vária estão patentes desde sequências extraídas de uma notícia-reportagem de jornal, “Almada falou (em 6 de Junho, em Amarante) de Amadeo de Souza-Cardoso”, a “O Dinheiro”, narrativa breve publicada na *Contemporânea*. Este volume, a par de apresentar inéditos, “redescobre” textos por vezes dados como desaparecidos em certas fontes bibliográficas como “Embaixadores Desconhecidos”. Nele, como em todos aliás, é notório o pendor reflexivo de Almada, cuja perícia comunicativa permite disseminar o gnómico, sob diversas formas, pela maioria da sua produção.

²⁸ Idem, *ibidem*, v. 5, p. 389.

²⁹ Idem, *op. cit.*, v. 2, p. 224.

³⁰ Idem, *ibidem*, p. 225.

³¹ Cf. *Da ‘Histoire du Portugal par Cœur’...*, cit.

³² Idem, *ibidem*, p. 230.

³³ C. Silva, *op. cit.*, p. 49-50 e 58.

³⁴ F. Cabral Martins, *op. cit.*, v. 5, p. 380.

³⁵ Idem, *ibidem*, p. 230.

³⁶ Idem, *ibidem*, p. 391.

³⁷ F. Cabral Martins, *op. cit.*, v. 5, p. 387.

Não se compreende, porém, a ausência do volume relativo ao *Teatro*, o quarto, no qual se espera encontrar um alargamento significativo tanto na componente “textos” quanto na dos “fragmentos”, dado ser consabida a existência de inéditos e variantes.

Os volumes previstos, *Entrevistas* e *Correspondência*, finalmente contemplados em projetos editoriais, constituem, à partida, inegável enriquecimento face ao atualmente conhecido do público e dos investigadores, pois fornecem um manancial de informações preciosas. O simples facto de se proceder à recolha das numerosas entrevistas concedidas por Almada permite reequacionar muitas questões e ter acesso à multiplicidade de facetas da sua performance ininterrupta. Por outro lado, a correspondência, muito pouco ou quase nada divulgada ainda³⁸, patenteia muito do lado reflexivo, gnómico, da sua produção, bem como do convívio de Almada com artistas, intelectuais e cientistas.

“Documentos” – Nesta secção surgem os desenhos que acompanham certos textos³⁹ e reproduções das capas originais da autoria de Almada de algumas das suas obras⁴⁰. No último volume impresso, figuram reproduções de teor diverso: manuscrito para uma conferência, notícias, artigos redigidos e publicados⁴¹, pelo autor, convites para conferências por ele proferidas, menu do banquete de homenagem a Pardal Monteiro da sua autoria onde Almada faz uma intervenção e uma fotografia relativa a uma conferência realizada pelo mesmo.

“Cronologia” – Mudando de volume para volume, composta por referências biobibliográficas, esta inventariação apresenta seriações sucessivamente mais alargadas e pormenorizadas, com particular relevo para a do volume 5. Contudo, *Nome de Guerra* não apresenta nenhuma, sem qualquer explicação.

“Notas” – Precedidas de textos sucintos, de responsabilidade da equipa no seu conjunto, nelas se

apontam, sob forma minimalista, alguns dos critérios adotados e o papel desempenhado pelos respetivos membros no trabalho editorial. As notas propriamente ditas, em grande número mas não exaustivas, diferem contudo, volume a volume no teor e sobretudo nos critérios adotados no tocante ao sistema de anotação das variantes e alterações, sem aparecer explicitada, todavia, uma razão para tal procedimento. Citam-se, por um lado, algumas das tábuas bibliográficas que Almada publicou mas não há qualquer alusão às manuscritas; por outro, apontam-se algumas das várias publicações de certos textos porém não de todos, como *A Engomadeira* e *Nome de Guerra* entre outros atestam.

Apesar das múltiplas referências à variabilidade dos textos quer impressos quer manuscritos, verificam-se imprecisões, lapsos, omissões⁴² inexplicáveis quanto a algumas fontes, nomeadamente de teor metatextual onde muitas das alterações, incongruências e até “transmigrações” textuais são apontadas. Há contudo um aumento muito significativo em termos de informação transmitida e rigor no último dos volumes editados, onde se corrigem dados existentes em inventariações e estudos anteriores, coligindo-se elementos importantes relativos à receção da obra na imprensa da época.

Nome de Guerra, uma vez mais, constitui uma exceção: nele consta apenas a citada “Nota Editorial” na qual figuram a data da escrita, 1925, uma longa citação do texto de apresentação da autoria de J. Gaspar Simões, aquando a sua primeira publicação em 1935, um lacónico comentário acerca do trabalho de fixação do texto resultante, conforme se referiu, do cotejo de fontes textuais, a primeira e segunda edições e as “publicações autónomas de “Tio” e “Desgraçador”⁴³, tendo a última servido de referência base, sem a mínima menção a situações de variação textual, apenas a “erros”. No verso da página onde figura o título desta secção constam as siglas identificativas de algumas fontes documentais arquivisticamente tratadas.

“Posfácio” – Da responsabilidade de Cabral Martins, inexistente de modo insólito em *Nome de Guerra*, os posfácios, à semelhança dos textos de Almada, estabelecem um intenso diálogo entre si, demonstrando a sólida competência e capacidade hermenêutica do autor bem como a sua finura analítica, fatores que enriquecem, de modo substancial, a investigação sobre a obra em questão, constante fonte de surpresas e inquirições. Vanguarda(s), modernismo(s), surrealismo(s), seus antecedentes e “descendentes” diretos ou colaterais são convocados através de um dinamismo relacional intenso onde as várias artes e, sobretudo, o modo singular de as articular, de as atualizar no duplo sentido do termo, em lúcida síntese apelativa, constroem um percurso interpretativo em harmonia dialética com o objeto a

³⁸ Cf. As cartas publicadas em *O Escritor*, nºs 10-11 e *Colóquio / Letras*, n. 149-150, as do espólio de A. Serpa.

³⁹ Cf. v. 1: “Rondel do Alentejo”, a versão da “Histoire du Portugal par Cœur” impressa na *Contemporânea* em 1922, “Encontro”, “De 1 a 65” e nas “Notas”, “Rondel do Alentejo”, “Torre de Marfim não é de Cristal”; v. 2: “PARVA (em latim)”, “O Homem que não sabe escrever”, “O Kágado”, “O que se passou numa Sala Encarnada”; v. 5: “Conferência nº 1”, *A Invenção do Dia Claro*, “O Comício dos ‘Novos’”, *Pierrot e Arlequin Personagens de Teatro*, *Desenhos Animados Realidade Imaginada*.

⁴⁰ Cf. v. 1: “Litoral”, “Mima-fatáxa sinfonia cosmopolita e apologia do triângulo feminimo”, “O menino de olhos de gigante” e da separata de *Bicórnio* onde figura “Presença”, emblemático poema da maturidade de Almada; v. 2: *A Engomadeira*, *K4*, *O Quadrado Azul*, “Parva (em latim)”, também a da *Ideia Nacional* (um pouco deslocada no contexto) e a página de rosto de “Saltimbancos”; v. 5: *Manifesto anti-Dantas, a invenção do dia claro, desenhos animados realidade imaginada, direção única*.

⁴¹ Cf. “1ª CONFERÊNCIA FUTURISTA”, com fotografia do performer e “O livro”.

⁴² Os citados estudos de: v. 1 – M. A. Galhoz, J. A. França; v. 3 – E. Sapega; v. 5 – G. Rubim... em todos C. Silva.

⁴³ Cf. op. cit., p. 165.

que se reporta. Componente final, ou simplesmente posta no fim, os posfácios mencionados instauram, contudo, uma imediata “reabertura” face aos restantes volumes, engendrando uma dinâmica conceptual em permanente circulação na qual a dimensão metatextual subverte, suplantando-a, a paratextual. Com efeito, tais posfácios⁴⁴ constituem “fragmentos” de encerramento em aberto, passe o paradoxo, sendo materializados na sua individualidade por conjuntos de fragmentos que, unidade a unidade, compõem um corpus ensaístico original disseminado pelos diversos volumes, produzindo uma leitura vivaz de inegável cunho pessoal. Num estilo incisivo, por vezes elíptico, cujo paradigma radica, porventura, no minimalista prefácio à edição facsimilada de *Orpheu*, pela Contexto, em 1984, embora de volume para volume tal marca se vá diluindo, dando origem a textos menos concisos na forma de expressão, nomeadamente no último.

A par do acabado de mencionar, sobretudo em “O Comum de toda a Gente”, posfácio a *Poemas*, mas também nos restantes, “O Disparo dos Fotógrafos” e “O Texto em Cena”, relativos a *Ficções* e *Manifestos e Conferências* respetivamente, embora em grau menor, emergem nestes ensaios leituras anteriores e através delas muito do apontado por estudiosos da obra de Almada sem referência explícita: conceitos, formulações e argumentos. A tratar-se de uma opção de escrita, tanto aceitável quanto contestável, tal ausência de citações e fontes perde a coerência ao deixar de vigorar nos posfácios respeitantes ao segundo volume, de modo mínimo embora, e sobretudo, ao terceiro, onde aquelas estão claramente patenteadas ao longo do curso do texto.

“Índice” – Vigente em todos os volumes, salvo em *Nome de Guerra*, onde apenas se encontra materializado o do romance. Nesta secção, à semelhança do corpo do texto, os títulos dos éditos aparecem em itálico e os dos inéditos em letra normal, porém nem sempre esta opção é empregue de modo coerente, uma vez que o supracitado volume concernente ao texto romanesco apresenta os emblemáticos títulos em letra normal.

“Obras de José de Almada Negreiros na Assírio & Alvim” – A seriação da obra a editar altera inexplícavelmente a ordem e disposição gráfica conforme os volumes, não respeitando as datas da publicação. Na primeira edição de *Poemas*, e nas duas de *Nome de Guerra*, respetivamente identificados na contracapa e, o

último, também na página de guarda, como 1 e 3, estes títulos constam como “já publicados”, anunciando-se os restantes sem qualquer referência a *A Invenção do Dia Claro*, por uma ordem que não corresponde à factualidade, visto o 2, *Ficções*, ser posterior ao 3. A listagem vigente no volume mencionado respeita a ordem numérica e não a cronológica, mas, na segunda edição de *Poemas* e na primeira de *Manifestos e Conferências*, figura o fac-símile de *A Invenção do Dia Claro* como impresso, inserindo-o numa ordenação que, de novo, se encontra desrespeitada, uma vez que não foi ainda editado o volume 4, *Teatro*, mas sim o 5, *Manifestos e Conferências*. Variando na paginação, na ordem e no número dos volumes a editar, as listagens apenas coincidem totalmente entre si na primeira edição de *Poemas* e nas duas de *Nome de Guerra*. O intitulado da secção, acima transcrito, figura no cimo da seriação unicamente nestes dois volumes, surgindo nos restantes em página independente.

Colofão – Patenteando os dados de impressão, muda igualmente de posicionamento conforme o volume; até ao terceiro inclusive, ocupa uma página independente, no quinto está no verso da página da dita seriação.

Este brevíssimo percurso pela mais recente publicação da obra literária de Almada, menos de metade dos anunciados, patenteia um grande alargamento do corpus de éditos, trazendo dados, referências da maior importância para o leitor, seja ele investigador ou não. Foi dado um passo importante para o seu estudo e divulgação criteriosa, encontrando-se o estado de conhecimento a ela relativo inegavelmente fortalecido, apesar das imperfeições e lacunas. Reafirma-se o imperativo da investigação a empreender pois, se neles se revela tanto do não divulgado, ou de circulação mínima, muito mais se deixa antever, visto existirem inéditos todavia. Releituras, surpresas vão comprovando de modo inequívoco ante o público o que, de longa data, era sabido apenas de alguns. Na imensidão de património único multidimensional, singularmente uno, coeso na sua dialética construtiva, novas, renovadas questões e dúvidas se impõem a quem dela se aproxima, em desocultação progressiva. Tais pressupostos e condicionantes indiciam apenas o incomensurável por fazer no sentido de dar a Almada, nada senão justo reconhecimento; o que lhe pertence por inegável direito absoluto.

Referências

BARRENTO, J. Nova edição de Poesia de Almada Negreiros. In: *Colóquio / Letras*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n. 117/118, set. 1990).

BUENO, A. *Almada Negreiros – Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

FRANÇA, J.A. *Amadeo e Almada*. Lisboa: [s.n.], 1986.

⁴⁴ Cf. v. 1 – “O Comum de toda a Gente” – cinco fragmentos numerados sem título, v. 2 – “O Disparo dos Fotógrafos” – uma sequência sem título, uma epígrafe de G. de la Serna, “Estas Ficções”, “O que é Ficção?”, “Ficções para Felizes Poucos”, “O Império de Imagem”; “A Surrealidade” e “O Virtuosismo”, V. 5 – “O Texto em Cena” – em epígrafe uma citação de “Conferência nº 1” de Almada, “Descrição”, “História”, “Teatro” – epígrafe de D. Mourão Ferreira, e “Eu”.

GALHOZ, M.A. À margem das *Obras completas de José de Almada Negreiros*". In: *Colóquio / Letras*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n. 3, set. 1971.

NEGREIROS, J. Almada. *Obra literária de José de Almada Negreiros*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000. v. 1.

PEREIRO, C.P. Martínez. *A pintura das palavras: uma novela em chave plástica*. Santiago de Compostela: Laidvento, 1996.

SAPEGA, E. *Ficções modernistas: A contribuição de José de Almada Negreiros para a renovação do modernismo português*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação, 1992.

SILVA, C. (Coord.). Almada Negreiros: A descoberta como necessidade. *Actas do Colóquio Internacional*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1998.

SILVA, C. *A busca de uma poética da ingenuidade ou a (re)invenção da utopia*. Porto: [s.n.], 1994.

SILVA, C. *Da 'Histoire du Portugal par Cœur' – ao encontro da ingenuidade*. Porto: FLUP, 1986.

Recebido: 29/06/2012
Aprovado: 13/08/2012
Contato: celinas@letras.up.pt